

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração  
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira . 8\$00  
> » 10 » —Para outras localidades . 9\$90

Composição e Impressão

Tipografia «POVO ALGARVIO»—Tavira

## Com a presença

### do Sr. Presidente da República

no dia 10 de Maio inauguram-se a Barragem da Braveira e as obras exteriores do Porto de Portimão

No próximo dia 10 de Maio, Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Presidente da República desloca-se ao Algarve a fim de assistir às inaugurações da Barragem da Braveira e das obras exteriores do porto de Portimão.

Dignam-se também assistir os srs. Ministros das Obras Públicas e das Comunicações e secretário de Estado da Agricultura, bem como altos funcionários dos referidos Ministros.

Do importante melhoramento beneficia uma área de cerca de 1.800 hectares, sendo 1.100 de terras doces e 700 de terras salgadas, dos quais 72 são salinas e 156 sapais.

Associamo-nos com muito prazer ao grande melhoramento que vem beneficiar imenso os campos de Alvor, na região entre Lagos e Portimão.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

## O Hospital, o Homem e a Obra

«Há lágrimas que se enxugam com o humanismo e carinho de almas boas»

ESTAVA-SE em Novembro de 1951.

Falava-se muito das obras do nosso Hospital. A remodelação, porque o velho edifício estava a passar, firmava-se já numa autêntica obra de relevo, tornando-se «no assunto primário da cidade». Isto acontecia a quatro anos da data em que a nova Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia tinha recebido o encargo de gerir os destinos deste estabelecimento hospitalar.

Como as coisas da terra que nos viu nascer sempre nos mereceram especial interesse e carinho, fomos até ao Hospital, para certificarmos e observarmos de perto o que de algo ali se passava. Bendito Deus! Tudo ali era acção, movimento, uma autêntica euforia, renovando-se, adaptando-se, consituindo-se, o que o comartelo tinha demolido! Tarefa árdua e dura que ali se travava para se dotar a cidade do Gilão com uma casa hospitalar digna e humana! Frutos de 1460 dias de uma sã administração.

Era já obra de vulto, aquela que ali se esboçava a edificar. Mas o nosso espírito de jornalista não se conformava somente em ver impunha-se ouvir o Homem que, não medindo as responsabilidades de tão gigantes a arrancada, sem recursos próprios, se sбаланçou a tão temerária empreitada. E assim foi.

Iamos entrevistar o Presidente da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Tavira. Com aquela amabilidade e bondade próprias do seu nobilíssimo carácter, o Provedor, essa prestigiosa figura de marinheiro, sr. Capitão-de-mar-e-guerra José Emílio Henriques de Brito, acedendo ao nosso convite declarou-nos: «Tem o Hospital assegurada a sua existência através dos subsídios recebidos e das verbas resultantes da exploração dos seus serviços».

Mais adiante e no decorrer do nosso colóquio, o Comandante Henriques de Brito, depois de prestar elogiosas referências à equipa de médicos e cirurgiões que ali trabalhava afirmou: — «São precisos dois mil contos para completar as

## O aniversário

### de SALAZAR

O duplo aniversário do sr. Presidente do Conselho foi comemorado nesta cidade com muito regozijo.

Conforme noticiámos, houve missa de acção de graças na igreja de Santa Maria do Castelo, à qual assistiram as entidades oficiais e elevado número de fiéis.

Ao Evangelho falou o rev. Prior António Patrício, que proferiu uma brilhante alocução.

A Banda de Tavira percorreu a cidade, enquanto subiam ao ar foguetes e morteiros.

### Estátua da Flora Algarvia

#### na Estação Agrária de Tavira

O sr. Eng. Arantes e Oliveira, ilustre Ministro das Obras Públicas, autorizou a execução de uma estátua de pedra que simboliza a flora algarvia, destinada à Estação Agrária do Algarve, em Tavira. A referida estátua é da autoria do escultor Barata Feio.

## João Pereira da Rosa

O ilustre Director de «O Século», sr. João Pereira da Rosa, quando da recente visita do sr. Presidente da República à Colónia Balnear Infantil daquele importante diário, foi justamente homenageado pelo Chefe do Estado, que o condecorou com a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência.

A inteligência, o carinho e a extraordinária força de vontade que o sr. João Pereira da Rosa tem dedicado à obra das crianças pobres, na mais ampla visão de salutar assistência, mereceu agora a mais justa consagração no gesto altruista do sr. Presidente da República.

Endereçamos as nossas mais calorosas saudações ao sr. João Pereira da Rosa, fazendo votos para que continue com o mesmo entusiasmo a lutar pela obra que fundou com tão desvelado carinho.

## Coronel Sousa Rosal

Seguiu há dias para Moçambique, com sua esposa, onde foi visitar seus filhos, o nosso prezado amigo sr. Coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior, ilustre deputado pelo Algarve e que tão brilhantemente tem defendido os interesses da nossa provincia na Assembleia Nacional.

Aquele nosso ilustre amigo, que teve a gentileza de nos apresentar cordiais cumprimentos de despedida, desejamos uma boa viagem e um feliz e breve regresso, a bem da defesa dos interesses algarvios.

## Panorama Musical

### Banda de Tavira

Há clamores de desespero, apelos que as consciências não ouvem, luta titânica em prol dum livido e quase moribundo agrupamento artístico que outrora — o eterno outrora a sobrepor-se ao famigerado presente — foi a expressão sublime dum povo cultivador da bela música e que

se intitulava — Banda Municipal de Tavira.

Já quase tudo, do que foi esse esplendor amortalhado, a cidade esqueceu e, com que indiferença...

Nem a ressonância das palmas vibrantes e frenéticas que às revoadas ecoavam pelas áreas do jardim, sempre que a batuta ge-



O Parque Municipal de Tavira

## Berlinda do Orfeon de Tavira

### Resposta a duas perguntas

NO transacto número deste jornal e nas considerações ao espectáculo, nesta cidade, do Teatro de Amadores de Faro, o crítico teatral, que não sabemos quem seja, depois de exaltar a obra e mérito daquele agrupamento, formula, criando emocional contraste, esta lamentosa e causticante censura: — «O que respondem a isto os clubes recreativos locais que outrora tiveram os seus belos grupos cénicos organizados? E o nosso orfeão, o que é feito dele?»

Aqui está um assunto que dá pano para mangas.

Quanto à primeira parte, a palavra «outrora», mais usada como sinónimo de antigamente, não abona grandemente da boa fé do autor do escrito nem da sua virtude justiceira pois que, não foi «outrora» — antigamente — que o grupo cénico do Orfeon de Tavira, com a peça do Dr. Júlio Dantas «Rosas de Todo o Ano» e a revista de Sebastião Leiria, «Quando o Algarve Canta e Ri», obteve notáveis e assinalados êxitos, segundo o atestam as elogiosas e unânimes críticas de toda a imprensa por onde passou, inclusive os dois maiores diários da capital do país. Foi apenas há dias, em 1955!

Quanto à segunda parte: «E o nosso orfeão, que é feito dele?», responde-se que o orfeon — como o grupo cénico — existem em estado latente, não tendo actividade principalmente por motivos que, além de outros, se relacionam com a pergunta que adiante se formula, no mesmo sabor apaixonadamente ingénuo das formuladas pelo crítico em referência:

Quando o Orfeon de Tavira depois de cobrir de glória o nome da sua cidade pelos justos louros arduamente obtidos regressou com uma dívida de vinte e sete contos (!), — moeda corrente — o que fez o senhor crítico, o que fez a cidade, o que fizeram os corpos fomentadores da especialidade, em resposta ao apelo de ajuda que foi lançado?

Certamente que o senhor

Continua na 2.ª Página

## Grupo Experimental

### de Amadores de Teatro

O Grupo Experimental de Amadores de Teatro da Sociedade Orfeónica continua em plena actividade, tendo em ensaio, presentemente, a peça «As duas máscaras», de Eduardo Schwalbach.

Também o Grupo deu já a sua adesão à recente iniciativa do S.N.L. colaborando no Concurso de Arte Dramática a efectuar em Setembro próximo com os quadros «Visões de Antanho», da peça «Infante de Sagres», de Carlos Cardoso, e «Romper de Alva», da peça «D. Sebastião», de Tomás Colaço.

Atendendo ao êxito de que se revestiu a estreia do Grupo em Dezembro findo, nos três espectáculos consecutivos realizados no salão de festas da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, é de esperar que a representação de Tavira honre, mais uma vez, a Cidade e as inolvidáveis tradições daquela sociedade de cultura e recreio.

Secundando as palavras que es crevemos no nosso número do passado domingo, solicita-nos o director do Grupo que apelemos para os rapazes e senhoras que voluntária e desinteressadamente desejem colaborar, para que façam a sua inscrição, porque no Grupo há lugar para todos os que sabem compreender o valor educativo do teatro.

nial dum mestre Nicolau, dum Domingues, dum Herculano Rocha e outros — essas batutas vibrantes, nevróticas, perenes de vida com todas as suas nuances de sensualidade, cândura, dor e ternura — nem este virtuosismo que galvanizou tantos corações, às gerações de então faz despertar o desejo de partilhar no seu engrandecimento.

Nem as belas alvoradas, tão recheadas de acordes trepidantes, alegres, esufiantes de volúpia como a flava luz dessas madrugadas em que tudo era amor, cândura, paz nas almas e nos espíritos, hoje a cidade recorda, como se tais hinos matutinos jamais alguém ouvira.

Que ingratitude!... Há quem insinue esta indiferença ao ritmo acelerado que a vida, em seu corcel materialista, galgou às coisas do espírito, de cadência menos vertiginosa nas conquistas, porém, quanto a mim, o mal é fruto do egoísmo humano, filho da ausência de sinceridade, da sociedade que propriamente da carência de espiritualidade.

O panorama que nos oferece a nossa Banda é, a priori e sem grandes demonstrações, de crise,

Continua na 2.ª página

## DIA UNIVERSAL

### da Cruz Vermelha

Comemorando-se no dia 8 de Maio o «Dia Universal da Cruz Vermelha», a Secção Auxiliar Feminina da Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa de Faro, promove um peditério, com a distribuição do seu emblema, em todas as sedes dos concelhos do Algarve.

Esta benemérita Instituição não pode realizar a sua principal finalidade, socorrer as populações atingidas por qualquer calamidade, sem ter os recursos necessários. Por isso, apela para a generosidade de todos os algarvios, para que a ajudem a ter a possibilidade de os socorrer, em qualquer emergência, que reclame a acção da Cruz Vermelha Portuguesa.

E a todos os que auxiliarem dirige desde já o seu muito reconhecimento.

Bem hajam.



Comandante Henriques de Brito

obras de que o Hospital carece, e como se trata de um Hospital sub-regional, que está dentro do plano aprovado pelo Governo da Nação, tem já o acordo de S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Obras Públicas, quanto à comparticipação que o mesmo lhe concede. A comparticipação de 50% e, para executar as obras, já que a Misericórdia não dispõe de quaisquer recursos, há que pedir os 50% que faltam ao sr. Ministro do Interior, o qual não o tem negado, concedendo-o através das suas verbas próprias ou das que dizem respeito ao Socorro Social».

Continua na 3.ª página

## QUADROS de Loulé Antigo

Continuação da 4.ª página

*Ilha da Faial — Horta. Loulé sente profundamente essa transferência.*

*A situação política é pesada e com a morte do Grande Rei, o franquismo cai; fica totalmente destronado. Refazem-se situações; logo nos primeiros meses de 1908 o louletano querido é colocado em Faro como secretário de finanças, sim, mas exercendo o cargo de confiança de Comissário de Polícia.*

*José d'Azevedo Pacheco continua regenerador. Seu chefe é Campos Henriques.*

*Pai de uma legião de filhos — de entre eles o desditoso ministro Duarte Pacheco — a sua presença novamente em Loulé atinge o delírio.*

*«Chega hoje da Ilha o Zé Pacheco!»*

*É a voz que arregimenta e põe em pé de guerra todo o povo da vila.*

*Todos o querem ver, todos o querem abraçar! E como ele se deixara baptisar pelo estribilho popular e regional de «compadre», daí ele é o Compad'Zé Pacheco de toda a gente.*

*A noite da sua chegada!... Que alvoroço! Que doídice! Manifestação colossal! Dir-se-ia todo o Povo a dar expansão à sua desmedida alegria.*

*Música, foguetes, archotes e vivas. A banda «Marçal Pacheco», mobilizada, toda a noite percorre as ruas da vila fazendo ressoar a estridência dos seus instrumentos, electrizando todas as almas. Os foguetes, às grosas, são a metralha ininterrupta a bombardear e a agitar os entusiasmos de todos; os archotes, às carradas, acessos nas mãos de milhares de pessoas, agitando-se em todos os graus e consoante os calores de cada um, perfazem um conjunto luminoso, feérico, a enriquecer o movimento excitante. É tudo isto condimentado com os calorosos vivas ao compad'Zé Pacheco, Loulé vive numa noite difícil de igualar.*

*Não pode dizer-se que só o ciedo político nessa manifestação andou envolvido. A simpatia pessoal foi o principal elemento que tanta vida deu a essa colossal homenagem que eu vivi com os olhos da minha alma e o melhor do meu entendimento.*

*É a cinquenta e um anos de distância ainda ressoa aos meus ouvidos aqueles ecos fortes e vibrantes que encheram todas as ruas da vila:*

*— Viva o compad'Zé Pacheco! Viva o compad'Zé Pacheco!*

## Para a história do Clube...

Continuação da 4.ª página

Entrou-se na série de discursos! O Dr. Arnaldo Matos (gritantes de palavras de fé clubista) Julião Florentino Topa (numa água forte bem vincada), Dr. Torres Vieira (numa sinceridade esbatida, por motivos de saúde) Lourenço Mendonça (num «croquis» rápido da sua dupla presidência e afeição à terra a ao Clube da Vila Cubista) Manuel Jorge (o Homem n.º 1, aquele que acalentou os primeiros anseios da colectividade e Pai desde os primeiros passos até hoje), Dr. Matos Parreira (esclarecido no seu vincado amor ao clube) e, por último, o sr. Dr. Angélico Sequeira de Carvalho (compassado, sincero, reconhecido), compuseram o mais brilhante das flores com que se ornamentou a festa do Olhanense.

E quando os dois ponteiros se uniram, à meia noite, a simbolizar a entrada no primeiro dia do 48.º ano de vida do Olhanense, a festa atingiu o auge. O «Corridinho», esse «vagabundo», surgiu. Entrou e... encheu o salão até à Avenida, mais que a luz dos VV... da «Vida», da «Vontade» e da «Vitória!» Como figura que chega tarde e é aguardada a todo o momento, ele revolucionou a alma algarvia.

Balbúrdia nos corações e nas almas, como se as notas musicais fossem as notas duma «taluda», acabada de sair aquela gente.

O «Rock and Roll» regionalista pos todos em «hulla hoop»... Todos se contagiaram como se uma vitória sobre o Sporting se acabasse de consumir, após a hora e meia.

E a festa do Olhanense terminou assim em apoteose, com as almas em festa, com Olhão em festa, com o Algarve em festa!!!

## Ironia do Destino

Mademoiselle

*Tendo recebido, com bastante frequência, suas cartas insinuando nas mesmas certos actos da minha vida, e nalguns com certos desagrados à minha pessoa, venho apelar para a sua consciência e dignidade pessoal que se digne honrar as mesmas com o seu nome, deixando de se servir do pseudónimo que tanto tem afectado a minha tranquilidade espiritual.*

*Certo de que tomará em consideração o meu apelo, subscrevo-me com elevada consideração.*

De V. Ex.ª

Mt.º Att.º Vn.º Obd.º

a) Vitalino José dos Reis Silva

## BERLINDA do Orfeon de Tavira

Continuação da 1.ª página

crítico sabe o que fizeram. Nada!

A massa associativa, os próprios orfeonistas e amadores teatrais que tanto se esforçaram por engrandecer a sua terra, propagandear as belezas deste lindo Algarve, tão abandonado como desconhecido, incrementar o amor pelo nosso folclore e tipicidade, e abnegadamente tanto deram em trabalho e moeda do seu bolso (!), esses é que têm vindo a amortizar à sua custa, com sobretaxas na cotização, os famosos vinte e sete contos.

Talvez não seja este o prémio mais indicado para se atribuir como incentivo a tão grande e apreciado trabalho.

Enquanto o ilustre crítico perguntador e os filhos de Tavira com responsabilidades e influência junto das elevadas esferas (indivíduos de cuja existência se duvida seriamente, a menos que tenham renegado a sua infeliz terra, o que é evidente) continuarem fazendo nada, continuarem considerando este lugar e estas gentes como energúmenos míseros, é muito natural que o Orfeon de Tavira esteja pouco disposto a deitar pela janela fora novas séries de «vinte e sete contos».

E não se cuide que o Orfeon de Tavira se lançou cegamente numa temerária aventura quando contraíu esse passivo pois que, cónscio desde sempre de que nada se consegue sem «padrinhos», ao ver o seu espectáculo pronto para lançar repto a terras estranhas, o que foi iniludivelmente provado, pediu assistência, solicitou amparo a quem o podia dar, para obstar ao desastre económico — que do artístico ele se defenderia corajosamente — e, (parece mentira!), ninguém deu um passo, ninguém moveu um dedo, ninguém fez nada para que o Orfeon se não afundasse estrondosamente no mar das cifras. Ficou inteiramente abandonado.

Grupos de Faro têm-se deslocado a Lisboa e conseguido receita interessante, em vez de dívidas, porque Faro, se tem críticos teatrais do género que aqui se comenta, tem também em boa hora, protecção valiosa; tem filhos ilustres que lutam por si e ajudam os seus grupos de teatro ou folclóricos.

Quando estes se deslocam a Lisboa já vão com a bilheteira do Coliseu praticamente passada o que, concordemos, é muito bom. Estamos convencidos de que o mesmo sucede com a ida a Lisboa do Teatro de Amadores de Faro.

Tavira, vem de há muito sendo uma cidade anatematizada, — famoso dizer amaldiçoada — que não goza de boas graças. Terreno que foi salgado, ignora-se por que crimes cometidos, onde não há consentimento para o desabrochar da mais humilde planta.

Terá que se esperar que desalgue e que sejamos assistidos como os demais. Até lá, nada há que fazer.

É isto que o Orfeon de Tavira poderá responder às perguntas de cavilosa reserva de qualquer crítico teatral, a menos que ele consinta responsabilizar-se por futuro brinde — prejuízo de vinte e sete contos, coisa em que não acreditamos mesmo nada.

É muito possível que, com as perguntas em questão, ele visasse, como diz o povo, «meter os cães à vinha», porém, mordemos gostosamente o isco atirado que nos serviu à maravilha para esclarecer coisas que muita gente ignorava.

S. L.

## A Banda de Tavira

Continuação da 1.ª página

e crise grave! disto se tem feito eco nas colunas deste jornal, ainda que, obstinadamente, não se queira acreditar, como infelizmente, já vai sendo hábito no nosso burgo, até por comodidade, fingir ignorar os graves problemas de interesse colectivo.

Assim, olvidando louros conquistados, glórias que quase roçaram a fama e de que somos peñores, preferimos deixar sucumbir este elenco artístico, sem dúvida modesto, despretencioso e humilde, mas grande, enorme, monumental pelo que de edificante ele encerra e significa. Além dum ideal, ele traduz um querer de vontades indómitas, um querer de sacrifícios, de ambições conquistadas, cuja luz fulgurante desse passado luzido, é símbolo e fé viva o facho que queima os nossos corações. Deixar que o clarão bruxuleante desta chama se extinga, é caminhar para as trevas da morte!

A crise material resultante da diminuta cotização deve-se, em parte, ao pouco bairrismo dos tavirenses, porque a eles incumbe o dever, quase ia dizer obrigação, de acarinhar e alentar com o seu auxílio — e é tão pouco o que se lhes exige — a manutenção deste património artístico, deste «bafo de viração espiritual» perdido no oásis turbulento do agitado mundo em que vivemos.

De igual modo este núcleo artístico parece não estar nas boas graças das esferas oficiais ainda que, num muito esforço de tolerância, aceitemos por intangíveis as delicadíssimas e hiper labirínticas disposições legais que não permitem um alargamento de tão precioso auxílio.

Nada percebemos de códigos e leis, mas se os municípios foram instituídos para administrar as coisas materiais dum aglomerado populacional, porque não facultar-lhe poderes mais latos em benefício, igualmente, das coisas de espírito? Não será a presença da banda uma manifestação de bem estar tão cara do povo?

E não será este conforto espiritual um reflexo do seu esforço quando, contribuindo com a sua quota parte, avoluma o erário municipal?

Tudo o auxílio a um conjunto que traduz arte e vive à mingua de recursos é de louvar e enaltecer, razão porque cecear a Direcção da Banda dos meios que ela repete de preciosos para a angariação de fundos é pretender o naufrágio duma nau já pouco segura nos mares perigosos do dinheiro, é preferir o vácuo nos espíritos amantes da bela arte — a música — e não querer compreender que a cidade, por exiguidade de atractivos, não pode ficar, única e exclusivamente, à mercê dos sumptuosos programas cinematográficos.

O Parque Municipal — recanto que outrora alguém sonhou como retiro paradisíaco, vergel impregnado de seiva e odor, páraiso adorável de musas e fadas, e mais não é do que um prado verdejante, salpicado de erva daninha e lagos sujos onde proliferam mosquitos — é, sem dúvida, o mais agradável local que a cidade oferece para a realização de festas de beneficência e nunca o tão disputado recinto para cine-esplanada.

Somos dos que defendem a ideia de que o parque devia ser utilizado unicamente em diversões de carácter benemérito — não existe um Hospital, um Lar da Criança e outras instituições em permanente estado de angústia? — e não em benefício de empresas lucrativamente constituídas.

Esta seria a sã política de fomento, de incitamento a rasgos de audácia construtiva, ao contrário, e o exemplo têmo-lo à vista com mágoa de todos os tavirenses, já-mais se tentará edificar uma es-

## Todas as modistas de Tavira

Têm inúmeras vantagens em comprar os seus figurinos na papelaria CASA BRASIL, por ser a que mais sortido tem e a que vende aos preços de Lisboa. Chegaram os figurinos para Primavera e Verão de 1959 tanto para senhoras como para crianças. Brevemente serão distribuídos pelas freguesas desta casa Figurinos gratuitamente a título de reclame.

Adquirá já o célebre livro que acaba de sair: Direcção Perigosa! (Reflexos da carta do sr. Bispo do Porto). 1.ª parte O Caso em Si e 2.ª parte O Caso Perante a Concórdia e a Doutrina na Igreja. Edição popular Esc. 5\$00.

Livraria CASA BRASIL  
Manuel Alexandre  
Rua da LIBERDADE — TAVIRA

## DESPEDIDA

Liberto Camões Castanho Soares, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente em virtude de urgente ordem de partida vem, por este meio, despedir-se de todos os seus amigos, oferecendo-lhes o seu préstimo, no Estado da Índia.

## AVISO

Os mancebos residentes em concelhos estranhos ao do seu recenseamento há mais de 60 dias poderão pedir, até 30 de Maio, em requerimento dirigido aos Comandantes da Região ou Governador Militar de Lisboa da área respectiva a que deverão juntar atestado de residência, para serem inspecionados pela Junta de Recrutamento que funcione na área da sua residência.

## VENDE-SE

Uma propriedade no sítio de Bernardinho, junto à ponte do Arroio, confrontando do nascente com caminho, poente com ribeiro do Arroio, norte com José Inácio Massena e sul com estrada nacional, constando de sequeiro e regadio, com grande ramo de amendoeiras e outro arvoredado, casas de moradia para donos e caseiro, ramadas, palheiro, armazém, capoeiras, etc..

Trata José A. Brás — Luz de Tavira, Telef. 8.

planada cinematográfica, ainda com a agravante de, a manter-se esta situação, colaborar-se na rotina que medra nos cérebros atormentados (?) pelo progresso do burgo.

A Banda, expressão de elevação espiritual, conjunto de artistas que teima em não querer olvidar os imorredouros nome de Haendel, Mozart, Bach, etc., vê-se coagida a estender a mão à beneficência para sobreviver, contudo, não se humilha nem sente o calor ruborizar-lhe as faces, aceita a realidade com estoicismo, com aprumo moral, confiada em que a justiça dos homens e da dignidade dos seus actos algo de nobre renasça a bem da Arte, do público, de Tavira!

Tav.

## RELÓGIOS

É prejuízo total a aquisição de relógio que não seja de marca garantida!

**As marcas** Omega, Zenith, Longines, Breitling, Tissot, Cortebert, Aureus, Sergines, Amyria, Argus, Eska, Uergines, Camy, Zinal, Record, Doka, Lukei, Zoty, Hertig, Suly watey, White Star, Watex, Sorel, Lincoln, Ampy, Cauny, Carex, Milla, Technos, Lancil, Tagus, Heloisa e Olma

Encontram-se à venda na

## Ourivesaria Mansinho TAVIRA

Esta casa toma inteira responsabilidade em qualquer relógio que venda das marcas acima referidas, garantindo que os seus preços não oferecem confronto com os de outra casa, em virtude das suas compras serem efectuadas em condições vantajosas

## Mosaicos Leão



Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmorite, pedras para balcão, lava-louças, tubos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Dirigir pedidos directamente à

## Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA

# O Hospital, o Homem e a Obra

Continuação da 1.ª página

Por serem oportunas, trazemos para este nosso artigo estas passagens das declarações feitas, então, pelo sr. Comandante Henriques de Brito, ao nosso jornal, publicadas no seu n.º 906, de 18 de Novembro de 1951.

A 8 anos de distância as suas declarações feitas ao nosso jornal não perderam a sua actualidade, por traduzirem bem e de forma objectiva, os seus anseios, que mais não eram do que: «Dar a Tavira uma casa hospitalar digna e humana». E deu-a de facto.

Hoje, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia está em pleno funcionamento, modeladamente equipado com aparelhagem sanitária e hospitalar nos moldes mais modernos e eficientes.

Obra que honra a cidade e dignifica o seu construtor! Foi batalha rija e dura, nem sempre com aquela colaboração a que tinha jus, de o Provedor Henriques de Brito teve de sustentar, e ela, não isenta de canseiras e de sacrifícios. Mas venceu.

O Hospital, casa santa, a casa de Todos, tinha de ficar em condições de poder servir quem dele viesse a precisar. A obra não podia ficar a meio do caminho. O Homem, com o seu prestígio, influência pessoal e conhecida honorabilidade, enfeitando dádivas bastante volumosas, calma a jornada meritória com a entrega total ao hospital dos legados «Manassas» e «Professor Silva Carvalho».

Grande e formidável lição dada a tantos que por esse Mundo apregoam a solidariedade e o humanismo cristão!...

Ficará o Hospital da nossa terra, como autêntico Padrão da Cruzada do Bem, a atestar às gerações vindouras, a Obra levada a cabo por um Homem de Bem, em benefício dos que sofrem e, como uma das mais importantes realizações feitas em Tavira.

Quanto de verdade há na voz do poeta quando diz: «Há lágrimas que se enxugam com o humanismo e o carinho de Almas Boas»...

O Comandante Henriques de Brito é bem a Alma Boa

que, com a sua Obra, enxugou muitas lágrimas e minorou muitas dores.

Que todos os tavienses fiquem a saber que a obra realizada no Hospital, é Obra de Tavira e para Tavira!

Obra de um grande amigo da cidade de D. Paio, merecendo, com legítima justiça, o título de seu cidadão honorário, distinção que o Município acaba de conferir-lhe.

Nós, desde há muito que o considerávamos nosso conterrâneo. Portanto, cidadão de Tavira e dos mais ilustres! Porque homens da envergadura e quilate do antigo Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Tavira, não é, hoje, coisa muito vulgar.

Somos dos que lamentamos o seu afastamento das actividades directivas do nosso Hospital, onde desempenhou papel preponderante e decisivo para que aquele estabelecimento fosse colocado como um dos melhores da província.

Deve Tavira este inestimável serviço ao Comandante Henriques de Brito, e que, pela vida fora, o seu nome seja sempre lembrado com carinho e amor, aquele mesmo amor e carinho que ele pôs ao serviço da terra que adoptou!

Veja-se neste modesto artigo — e com sinceridade se afirma — a mais viva homenagem e preito de muita admiração do mais humilde e desvalioso filho de Tavira ao sr. Comandante Henriques de Brito, pelo que de bom e de notável realizou a bem dos pobres e necessitados do meu concelho.

Obrigado sr. Comandante Henriques de Brito!



## Agradecimento

A família de D. Maria Luísa Marques d'Azevedo, não lhe sendo possível agradecer directamente a todas as pessoas que se dignaram comparecer no respectivo funeral, vem fazê-lo por este meio, a todas manifestando o seu profundo reconhecimento.

## Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Maria da Cruz Ribeiro e D. Maria Helena da Cunha Rosário e os srs. Juvenal José Viegas, Analdino Gertrudes Tomás e José da Cruz Pires Araújo.

Em 4 — D. Maria Floriana Cândido Ribeiro Pereira, D. Judite Maria de Araújo Baptista Regato, D. Maria Mónica Araújo, D. Arlinda Maria Correia Matos Fernandes e o sr. João Manuel Madeira Gomes.

Em 5 — D. Maria Alexandrina Aguas Guimarães, D. Florinda Rosa dos Santos Lopes, menino Herminio Manuel Esteves Martins e o sr. Carlos Alberto da Costa Pires.

Em 6 — D. Maria da Conceição Romeira e D. Maria Latina Mendonça.

Em 7 — D. Teresa Estanislau Pires Faleiro.

Em 8 — Sr. António Henrique de Almodovar Bernardo.

Em 9 — D. Gregória da Conceição, D. Maria Ermelinda dos Santos e o sr. Artur Arriegas Pacheco.

Partidas e Chegadas

Partiu para o Estado da Índia, o sr. Joaquim José Martins de Oliveira, nosso assinante em Santo Estêvão, que para ali foi em missão militar.

Com sua família esteve nesta cidade o nosso conterrâneo e assinante sr. Fernando Ventura, residente em Almada.

Encontra-se nesta cidade, onde tenciona passar alguns dias, o sr. João Mendonça Vargues, industrial e proprietário, em Rabat.

Foi à capital o sr. Comandante José Emilio Henriques de Brito.

Com curta demora foi à capital o sr. Tenente Francisco Solésio Padinha.

Também foram a Lisboa os srs. José Luís Cesário, solicitador nesta cidade, e Manuel Solésio Padinha, proprietário em Tavira.

Encontra-se na capital o sr. João Aldomiro de Sousa, vice-presidente da Comissão Concelhia da U.N.

Foi a Lisboa o sr. Álvaro Rodrigues, funcionário do Posto Agrário.

Doente

Tem passado incomodado de saúde, o sr. Comandante Américo das Neves Pacheco, Capitão dos Portos de Faro, Tavira e Vila Real de Santo António.

Também se encontra doente o sr. Dr. Firmino Fernandes Diniz, Conservador do Registo Civil, nesta comarca.

Fazemos votos pelo completo restabelecimento de ambos.

Necrologia

D. Maria da Encarnação Ribeiro da Cunha

No passado dia 26 de Abril, faleceu em Lisboa, onde residia, a sr.ª D. Maria da Encarnação Ribeiro da Cunha, natural de Tavira, esposa do sr. Capitão Jaques Rafael Sardenha da Cunha, antigo

## Despedida

Júlio de Almeida Pires, Capitão do Exército, na impossibilidade de se despedir pessoalmente de todas as pessoas amigas vem fazê-lo por este meio, oferecendo os seus préstimos em Goa, Índia Portuguesa.

## Vendem-se

Seara de cevada e faval, na terra, a ceifar até 31 de Julho.

Traia Maria Romana Gamboa Leitão — farmácia Maria Aboim — Tavira.

## Alvissaras

Gratifica-se a quem encontrar e entregar uma roda de camião 750x16, pintada de vermelho, perdida no trajecto de Loulé a Portimão.

Dirigir a Arlindo dos Mártires Palmilha, telefone 126 — Tavira.

## VENDE-SE

Uma courela, de 8 alqueires de semente, boa terra, pouco arvoredo, uma nora, e parte de outra, denominada a grileira, no sítio da Palmeira-Luz.

Quem pretender dirija-se a Joaquim A. Ramos Júnior.

## Automóvel

Vende-se em bom estado com aparelho de telefonia.

Quem pretender dirija-se a Sebastião Mendonça Viegas — Tavira.

administrador do concelho de Tavira.

Era mãe das sr.ªs D. Maria Gabriela Ribeiro da Cunha Rosário e D. Maria Amélia da Cunha Carvalho Moraes e irmã do sr. Capitão Jorge Coelho Ribeiro e das sr.ªs D. Maria Carlota Ribeiro Galvão, D. Maria Luísa Ribeiro Júdice, D. Maria Emilia Ribeiro de Biondo e D. Maria Isabel Ribeiro Larcher.

O funeral de desditosa senhora que se realizou na tarde de 27, para o cemitério dos Prazeres, foi bastante concorrido.

D. Angelina das Dores

No passado dia 29 de Abril, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Angelina das Dores, de 79 anos de idade, natural de Tavira.

A falecida era viúva e mãe dos srs. Manuel Tomás e Bernardino Tomás.

Às famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

## Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-ROMOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA—SONS  
Clática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS  
FARO—PORTIMÃO tefs. 368

## PAPELARIA IDEAL

TELEFONE 131

Rua 5 de Outubro, 17 — TAVIRA

Artigos de papelaria, de escritório, de desenho e escolares

Livros de ensino primário e do 1.º, 2.º e 3.º ciclo liceal e técnico

Últimas novidades literárias  
Revistas nacionais e estrangeiras  
Postais ilustrados e com a vista geral e parcial da cidade.

Jogos e construções

Impressos da Imprensa Nacional

# O Pescador que quis ser Monge e foi Santo

POR ANTERO NOBRE

Igreja em Portugal, diz-nos textualmente: «Durante algum tempo estiveram os mosteiros dos eremitas de Santo Agostinho sujeitos ao Provincial da mesma Ordem em Castela. Em consequência das lutas entre Portugal e Castela, D. João I opôs-se a que continuasse essa sujeição, pelo que os mosteiros deste reino passaram a formar uma espécie de distrito, governada por um Prior Geral, até que em 1447 começaram a constituir Província à parte»; e o Padre Miguel de Oliveira, na sua *História Eclesiástica de Portugal*, afirma-nos igualmente que a Província Portuguesa dos Eremitas de Santo Agostinho só foi criada em 1447, portanto muito depois de S. Gonçalo morrer.

De tudo isto, e porque a referida deliberação de D. João I parece não poder ter sido tomada depois de 1400, afigura-se-nos apenas ser possível concluir-se que o cargo na realidade desempenhado por S. Gonçalo (se a suposição de Frei António da Purificação é exacta e está certa a conclusão do Dr. Alberto Iria) foi, não o de Vigário Geral, e sim o de Prior Geral, citado por Fortunato de Almeida; e o Capítulo de 1413, mencionado como Provincial, foi apenas um Capítulo geral daquela espécie de distrito que os mosteiros portugueses dos eremitas constituíam. Mas, não custa a acreditar, dada as circunstâncias que forçaram à criação de tal distrito, que embora ainda não oficialmente desligado da Província Castelhana da Ordem, os eremitas portugueses procedessem em tudo como se constituíssem já uma Província independente, visto que independentes eles eram de facto.

## (7) — A morte de S. Gonçalo

D. Frei Aleixo de Menezes, cremos que o primeiro autor português que ao caso se referiu (1604), escreveu na sua já várias vezes aqui citada biografia de S. Gonçalo, que o glorioso algarvio caiu enfermo nos princípios de Outubro de 1446 e faleceu a 16 do mesmo mês e ano; parece, todavia, que já anteriormente Frei Jerónimo Roman haveria indicado a mesma data ou, pelo menos, fornecido elementos que permitiam determiná-la, na sua *Vida de S. Gonçalo de Lagos*, escrita depois do autor haver visitado Portugal em 1599 e que não se sabe se chegou a ser

impressa ou circulou apenas em manuscrito. E parece também ou, pelo menos, é talvez possível inferir de referências de Frei António da Purificação que adiante mencionaremos, que tal asserção se baseia, entre outras razões, na existência de documentos que permitem considerar-se S. Gonçalo de Lagos ainda vivo antes daquela data.

Mas, Frei António da Purificação, na igualmente já várias vezes aqui citada *Crónica*, informa que S. Gonçalo adoeceu em 2 de Outubro de 1422 e morreu em 15 do mesmo mês e ano, sob o pontificado de Martinho V e no reinado de D. João I; e é esta data a que, nos autores subsequentes, sempre depois se encontra, até aos nossos dias, como sendo a da morte do glorioso iacobrigense, excepção feita apenas de Frei Manuel de Figueiredo, que conclui não ser «fácil formarmos juízo certo na cronologia, nem tomarmos partido na relação daqueles dois sucessos» (entrada de S. Gonçalo na Ordem dos Eremitas e sua morte).

Frei António da Purificação afirma, em defesa do seu ponto de vista, que de «diversas memórias do Arquivo de Torres Vedras consta que o Santo morreu no ano já dito de 1422»; e contra a afirmação acima referida, atribuível a Frei Jerónimo Roman, alega, segundo citação do Dr. Alberto Iria, nos seus *Folhetins*, que «não obstante algumas escrituras dos Conventos da Ordem aparecerem assinadas por Frei Gonçalo de Lagos, com data posterior a 1422, isso não significa que o Santo tenha falecido depois dela, porquanto são datadas pela era de Cesar, que, como se sabe, difere 38 anos da de Cristo», terminando com a indicação de que «outras escrituras mais modernas (...) aparecem assinadas por dois religiosos homónimos de S. Gonçalo de Lagos, que houve na mesma Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho» e de que «um desses religiosos foi até seu parente e possivelmente também natural de Lagos e o outro, que se chamou em novição Frei Gonçalo de Beja, foi tão grande devoto do nosso Santo, que adoptou depois o seu apelido».

Esta última asserção é fortemente combatida por Frei Manuel de Figueiredo (apesar de não tomar partido...) que a não considera sequer verosímil.

Continua



Distribuidores no Algarve:

EVA

Empresa de Viação Algarve, Lda.  
Rua Infante D. Henrique, 100 - FARO

## J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

## PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

**N**A agonia do velho e carcomido regime monárquico, nesses últimos anos da primeira década do presente século, proliferava ainda em Loulé, em arrancos de salvação, agitada efervescência.

por Pedro de Freitas

Diminutos eram os soldados da propaganda republicana; grande era a corrente conservadora que, através de todos os obstáculos, pretendia segurar a Coroa do regime, teimando na luta com alma aguerrida.

A defesa das cores azul e branca não parava. Loulé era, pois, um poderoso baluarte dessa causa: pela tradição, pelo sentimento, pela sequência, enfim, da quase total população sentir e viver esse regime como o melhor imperativo de uma religiosidade católica, que muito venerava, e ainda é o orgulho da sua maior Fé.

Na monarquia, consequentemente, Loulé colocava todos os seus credos, todas as suas melhores esperanças; politicamente era o seu maior galardão.

Regeneradores, progressistas, franquistas, eram a força motriz do velho regime, se bem que cada sector defendia, com ardor, os seus programas, todos bonitos, todos benzidos da melhor essência de patriotismo; mas ao fim e ao cabo todos cavavam os alicerces da velha casa política.

Os republicanos, os poucos que dentro da vila se contavam apenas por umas escassas dezenas, dos resquícios daquelas lutas de desinteligência, algo aproveitavam para arregimentar adeptos, força, autoridade e degraus fáceis para escalar o poder.

Neste pé de desigualdade, Loulé vivia seus dias de verdadeiras disputas através do jornalismo local.

Manuel Basílio Correia era um padre de feição liberal, mas monárquico cem por cento. Mais conhecido pela designação de «Padre Basílio», era um religioso social e amigo, querendo a Loulé como se seu filho fosse; era o director do jornal «Notícias de Loulé».

Nele consubstanciava todo o seu zelo de monárquico. E como nesse tempo a linguagem jornalista não possuía freio, nem peso nem medida certa, o corolário da desopilação era assaz atrevido, contundente, e, daí, o gerarem-se ódios, rancores, juras, vinganças e tudo o mais que a índole humana pode carrear para as labaredas das tremendas lutas.

O republicanismo, como força mínima, todavia mantinha o fogo sagrado na luta travada. Paula Madeira, convicto republicano, era o director de outro jornal local designado pelo «Povo Algarvio».

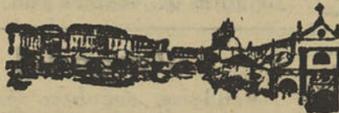
A esgrima entre estes dois periódicos, só quem a tal assistiu, melhor pode ajuizar do que ela teria sido. Linguagem brava, rude; desafios de estarrecer as almas indiferentes ao prélio; duas lâminas, qual fuzil a ferir fogo a todas as cuteladas dispendidas.

Paula Madeira, enérgico, forte, valente, destemido, em determinada altura jura escarrear na cara do padre; este, esguito, estoico, aguarda com serenidade o momento azado.

É seu companheiro inseparável uma bengala muito usada nesse tempo. De papel amassado à prensa, ligado interiormente por forte varão de ferro, em forma de cajado, eis a arma do padre ameaçado.

Na Praça — a artéria do Município e a principal da vila — certa noite o movimento é grande. Num coreto improvisado, uma banda de música local dá o seu concerto em honra da festividade de S. Luís.

Passeia-se em grande estilo. Uns para baixo, outros para cima. E eis se não quando os dois directores dos jornais, casualmente, se cruzam. O padre Basílio lá vai passeando com a sua bengala; Paula Madeira não esquece o seu dito



## Pela Cidade

**Misericórdia de Tavira** — Serviços Clínicos durante o mês de Maio de 1959:

**Enfermarias** — Drs. Jorge Correia e Ramos Passos.

**Consulta Externa** — De 1 a 15, Dr. Jorge Correia, às 8 horas; de 16 a 31, Dr. Ramos Passos, às 17 horas.

**Cirurgia Geral** — Consulta em 9 e 23, Drs. Fausto Casado e Renato Graça.

**Profílixia Mental** — Consulta em 23, Dr. Manuel da Silva, às 14 horas.

**Oftalmologia** — Consulta em 10, Dr. A. May Viana, às 9 horas.

**Farmácia de serviço** — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Franco.

e, como homem de uma só cara, ao ver na sua frente o odiado padre, prepara o seu melhor escarroz e arremessa-lho à cara.

Barulho, confusão, desordem e a bengala de ferro e papel exerce no agressor violenta acção.

Paula Madeira é preso e processado. Acção judicial de sensação. Defensor, o grande caudilho da propaganda republicana, o causídico de grande fama Dr. Alexandre Braga.

Dois regimes em causa: um, na agonia; outro, na gestação.

Loulé não comporta a ansiedade que contamina os milhares de indivíduos para assistirem a tão grande causa social. O tribunal é pequeníssimo. Os republicanos aparecem de todos os lados e exaltam com fervor o consagrado defensor e a absolvição do réu; os monárquicos olham com expectativa o grande acontecimento. A voz do grande tribuno, fundador da República, é esperado pelos dois sectores com o mesmo alvoroço. É que, em Loulé, águia de tão grande envergadura nunca havia feito seu poiso!

Mas Paula Madeira é condenado. A política sempre acesa — regeneradores, progressistas e franquistas — segue seus caminhos.

José d'Azevedo Pacheco, pela sua popularidade e porque é membro de uma família muito estimada na terra (é irmão do Conselheiro Marçal e político de categoria e de prestígio do partido regenerador) exerce o cargo de secretário de finanças. Os políticos de feição contrária, assim que podem, pretendem destruí-lo politicamente.

A ditadura franquista já estende seus domínios por todos os lados. O grande rei D. Carlos, constitucional por temperamento e herança, todavia sustem de pé essa política. E tratando ela de criar raízes, aqui e além exerce acção dominante.

José d'Azevedo Pacheco (1907) é transferido para a

Continua na 2.ª página

## GAZETILHA

### Direitinho ao Tesouro

Uma brigada trabalha,  
Lá prós lados da muralha,  
Na pesquisa dum tesouro  
Visto por um visionário,  
Num sonho extraordinário  
De caixões com libras de ouro.

É, segundo reza a história,  
Não se apagou da memória,  
Do homem, a adivinação...  
Tem sido uma romaria,  
Quer de noite, quer de dia,  
De indiscreta multidão.

O trabalho é uma estucha...  
Mas se o homem foi à bruxa  
Que disse: — «Há ouro de lei,  
Vejo lá «massa» de sobra,  
C'o o produto da manobra  
Compram a Horta de El-Rei»...

Se a bruxa disse, é verdade.  
Desta vez é que a cidade  
Sofre uma transformação!  
E, se o «bago» sobejar,  
Podem pôr a navegar  
O já sedição arrastão!...

Até alta madrugada  
Trabalha a pá e a enxada  
Num esforço sobrehumano:  
No meio de tais apêlhos  
Só lesmas e cacos velhos,  
De libras... nem o tutano!

Mas que mistério profundo!  
Andam todos neste mundo  
Em busca do vil metal,  
A ponto do «Direitinho»  
Ver libras de cavatinho  
Semeadas no quintal!...

Zé da Rua

## ALGARVE Desportivo CICLISMO

Virgílio Nunes do Ginásio e Manuel Besoiro do Louletano foram os vencedores das corridas de domingo a contar para o Campeonato de Fundo do Algarve

A Associação de Ciclismo de Faro iniciou no passado domingo o Campeonato Regional de Fundo para as categorias de amadores e iniciados, nos percursos respectivamente de 104 e 84 kms.

Alinharam nas duas provas 28 ciclistas em representação do Ginásio, Louletano, Desportivo Tavirense e Farense, sendo as partidas feitas no Jardim Manuel Bivar em Faro, com um intervalo de 5 minutos.

Os primeiros a largar foram os amadores, que em andamento riço se conservaram em poletão até Tavira, onde Virgílio Nunes — uma das promessas do nosso ciclismo — tentou uma fuga com êxito, vindo a vencer a prova com um avanço de 4 m. e 26 s. sobre o 2.º classificado.

Na corrida de iniciados, o despique Ginásio — Louletano foi sem dúvida o grande atractivo de uma boa manhã de ciclismo que a Associação de Faro proporcionou aos adeptos desta bela modalidade.

Até próximo de Tavira os corredores louletanos aproveitando a série de contratemplos e precalços sofridos pelos homens de Tavira, nomeadamente um furo de José Maria, uma queda de Romeira e ainda uma avaria mecânica de Carrega, lançaram o pelotão em veloz andamento. Porém no troço para S. Brás, os ciclistas do Ginásio tomaram o comando da corrida, tentando algumas fugas que não chegaram a surtir, vindo a encontrar-se o vencedor no sprint para a meta.

Classificações:  
Iniciados: 1.º, Manuel Besoiro, Louletano 2h. 14m. 55s; 2.º, José Maria, Ginásio m. t.; 3.º, Fernando Espada, Ginásio 2h. 15m. 05s; 4.º, Valério Clara, Louletano m. t.

Amadores: 1.º, Virgílio Nunes, Ginásio 2h. 54m., 2.º, Luís Gonçalves, Ginásio 2h. 58m. 26s; 3.º, José António Correia, Louletano 3h. 1m. 26s; 4.º, Valério Soares, Desportivo Tavirense m. t.

Hoje, efectuem-se as provas de 104 kms. para iniciados e 157 kms. para amadores.

Ofir Chagas

### Cozinheira

Bem habilitada e que dê as melhores informações, precisa-se para Tavira.

Informa-se neste jornal.

### VENDE-SE

Um prédio novo, acabado de construir, com rés-do-chão e 1.º andar, na Praça Dr. Zacarias Guerreiro, em Tavira.

Nesta Redacção se informa.

Para a história do Clube...

## O OLHANENSE

o mais popular dos clubes algarvios, fez anos!

**N**ESSA noite o Café do Olhanense não «deu» café. Deu festa de aniversário — lauta, efusiva, sobre mesas dispostas num M maiúsculo, como a desejar um «Mais e mais!!!»

António Augusto dos Santos

O Café serviu jantar... No seu salão, óptimamente decorado pelas flores desta Primavera algarvia e pelos sorrisos de gentis senhoras, que lá estiveram com as suas «toilettes» e o encanto da sua graça, valorizando o interessante «rendez-vous», a gente olhanense viveu o «Rubro Negro» comonunca!

É que o Olhanense fez 47 anos. Toda a gente trazia no semblante a felicidade dessa data, desde aqueles para quem o 47 poderia ser lisongeiro, aos que estão longe e relutantes em aceitar esse número — as senhoras sobretudo... Festa eufórica, vivida por todos, em homenagem dum Clube que de Barlavento a Sotavento se estima — talvez em 80% da massa desportiva.

As luzes fluorescentes que enchiam de sol o ambiente, como candelabros de arrojado impressionista, tinham um símbolo nos seus ângulos de «le grand ecart», em ballet, abertos obtusamente, desenhados no tecto do salão. Três VV símbolos de «Vida», «Vontade» e «Vitória», coroando o ambiente clubista do Olhanense — a mais brilhante «estância» do poema do desporto algarvio.

As luzes fluorescentes que enchiam de sol o ambiente, como candelabros de arrojado impressionista, tinham um símbolo nos seus ângulos de «le grand ecart», em ballet, abertos obtusamente, desenhados no tecto do salão. Três VV símbolos de «Vida», «Vontade» e «Vitória», coroando o ambiente clubista do Olhanense — a mais brilhante «estância» do poema do desporto algarvio.

Os «flashes», relampejando de todos os sentidos cardeais da sala, eram como um dilúvio de meteoros caído em gritante homenagem.

Lá fora, no registo telegráfico da sua fachada, a mão nervosa da electricidade ia autografando, milhares de vezes para milhares de adeptos, a palavra Sporting Clube Olhanense num cartão de visita imenso, como se telegrafasse insanamente até ao «Mundo das Pampas»... eo nome de Cândido Ventura, tão carinhosa e saudosamente recordado nesse dia.

Cerca de 150 convivas debruavam o M das mesas com a sua alegria, num efeito surpreendente de risos, fechando o circuito imenso das vontades cada vez mais fortes — cada vez maiores.

E quando o hino (chamemo-lhe) do Olhanense surgiu nas notas do piano foi como se a «Madelon» impulsionasse essa legião clubista; foi como se a «Marselhesa» se cantasse às hostes francesas. Bissado, como um trecho de ópera, a assistência quis que o voltasse a executar o seu «Puccini», o sr. Manuel Casaca, que atacou os últimos acordes vibrantemente ovacionado.

As orquestras «hablando» frases de música moderna, em italiano, espanhol e português, compunham a musicalidade de fundo desse «Sonho de uma Noite de Primavera», vivido há 47 anos, quando o entusiasmo jovem corporizou a ideia do Olhanense.

Cavalheiros e senhoras todos ostentavam ao peito o coração, como emblema da mais bela prova de amor clubista-inescurecível. Em jarras típicas, os «bouquets» de flores discursavam entre o «vis-a-vis» dos dois sexos na sua significação emblemática — poesia de pétalas — desde o cravo (símbolo de ardor) à rosa (dizendo amor); desde a hortênsia (expressando capricho) ao lírio branco (dizendo pureza de sentimentos) em frases que se adivinhavam.

Na mesa de honra, «paralelo» que ligava entre si todos os elementos da «bateria clubista» viam-se os srs.: M.º Dr. Juiz, Angélico Sequeira de Carvalho ladeado pelas Madames Arnaldo Matos e Sequeira Carvalho e srs. Lourenço Mendonça, Dr. Arnaldo Matos, Dr. João Lopes da Cruz, distinto Deleado do Ministério Público, Julião Florentino Toba, João de Jesus Ventura e Dr. Matos Parreira.

Ao fundo, o estandarte do Olhanense listrado de vermelho e negro simbolizava 47 anos de rubro entusiasmo e o luto «in-memorian» dos seus mortos, que a euforia não esqueceu.

Continua na 2.ª página

## Companhia de Conservas Balsense Assembleia Geral Extraordinária Convocatória

Não tendo podido terminar a sessão ordinária iniciada hoje, por ser já hora adiantada, continuará a mesma no dia 10 do próximo mês de Maio, pelas 16 horas, no escritório da Companhia, e com a mesma ordem de trabalhos.

Tavira, 26 de Abril de 1959.

O Vice Presidente da Assembleia Geral (em exercício)

a) João Carlos Maldonado Antunes Centeno